



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS COCAL
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA

NATALITA SILVA VERAS

**O FLORESCER DE UMA ARTESÃ: TECENDO LINHAS, RELATANDO SUA
EXPERIÊNCIA NA FEIRINHA AGROECOLÓGICA DE COCAL - PI**

COCAL – PI
2023

NATALITA SILVA VERAS

**O FLORESCER DE UMA ARTESÃ: TECENDO LINHAS, RELATANDO SUA
EXPERIÊNCIA NA FEIRINHA AGROECOLÓGICA DE COCAL - PI**

Trabalho de Conclusão de Curso (relato de experiência) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Campus Cocal.

Orientadora: Prof(a) Me. Antônia Francisca Lima

NATALITA SILVA VERAS

**O FLORESCER DE UMA ARTESÃ: TECENDO LINHAS, RELATANDO SUA
EXPERIÊNCIA NA FEIRINHA AGROECOLÓGICA DE COCAL - PI**

Trabalho de Conclusão de Curso (relato de experiência) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Campus Cocal.

Aprovada em: 14/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Me. Antônia Francisca Lima (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-campus Cocal

Prof(a). Ariane dos Santos Lima (membro da banca)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí-campus Cocal

Lusirene Coutinho Moita (convidada externa)
Tecnóloga em Agroecologia

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo relatar como uma estudante e aprendiz se tornou uma artesã a partir de sua participação na Feira Agroecologia de Produtos da Economia Solidária de Cocal - FAPESC, bem como relatar sobre como a feira evoluiu ao longo de 4 anos de existência, segundo sua visão de feirante. Ele está dividido em partes para melhor compreensão, sendo a primeira parte a introdução em que ressalta a importância das feiras agroecológicas. A segunda parte traz uma discussão sobre os aspectos históricos da criação das feiras e aspectos conceituais que envolvem as feiras agroecológicas e de economia solidária. Posteriormente, segue o relato em que destaco a criação da FAPESC. A feirinha, como carinhosamente é chamada a FAPESC, vem mudando positivamente a vida de cada um dos feirantes, trazendo empoderamento dos feirantes, crescimento dentro da comunidade, reconhecimento e valorização do trabalho, além de gerar renda.

Palavras-chave: Economia Solidária; Feiras Agroecológicas; Artesanato.

ABSTRACT

This work aimed to narrate the path taken by a student until she became an artisan from her participation in the Agroecological Fair of Solidary Economic Products of Cocal (FAPESC). It also reports the stallholder's view on how the fair has grown during its four years of existence. The structure of this paper is divided into four stages. At first, the importance of agroecological fairs is highlighted. Then it brings a discussion about the historical aspect of creation of fairs and the concepts involved in agroecological fairs of solidary economy. Finally, the history and creation of FAPESC are told and how it changed the lives of each stallholder, providing them empowerment, community engagement and recognition, and work valorization, in addition to generating income.

Keywords: Solidary economy; Agroecological fair; Artisanship

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Primeira edição da FAPESC - Feira Agroecologia de Produtos da Economia Solidária de Cocal, no dia 03 de julho de 2019	21
Ilustração 2 - Realização da FAPESC no Ginásio Poliesportivo de Cocal, devido ao período chuvoso, dezembro de 2019 a março de 2020	23
Ilustração 3 - Retorno das atividades presenciais da FAPESC pós-pandemia 2021	24
Ilustração 4 - Minha participação na feirinha, 2019 a 2023	26
Ilustração 5 - Participação da FAPESC nas feiras de Cocal dos Alves e Bom Princípio	29
Ilustração 6 - Projeto Turminha solidária	29
Ilustração 7 - Projeto Varal solidário	30
Ilustração 8 - Arrecadação de alimentos e realização do bingo	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19 - Corona Virus Disease

FBES - Fórum Brasileiro de Economia Solidária

EPS - Economia Popular Solidária

FAPESC - Feira Agroecológica de Produtos da Economia Solidária de Cocal

IFPI - Instituto de Educação, Ensino e Pesquisa do Piauí

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA.....	9
3	OBETIVO GERAL	11
3.1	OBETIVO ESPECÍFICOS	11
4	REFERENCIAL TEÓRICO	12
4.1	O ARTESANATO.....	12
4.2	ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRIAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES.....	13
4.3	O COMÉRCIO JUSTO DAS FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIAS	15
4.4	FEIRAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS	16
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS OU MATERIAL E MÉTODOS	18
5.1	RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	18
5.1.1	A CRIAÇÃO DA FEIRA AGROECOLOGIA DE PRODUTOS DA ECONOMIA SOLIDARIA DE COCAL	18
5.1.2	DIFICULDADES E CONQUISTAS DO EMPREENDIMENTO SOLIDÁRIO..	19
5.1.3	O FLORESCIMENTO DE UMA ARTESÃ	23
5.1.4	PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS	25
5.1.5	NOVOS PROJETOS NA FEIRINHA.....	27
6	RESULTADOS ESPERADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O florescer de uma artesã, se refere a minha autodescoberta e ao meu crescimento dentro do artesanato, a partir da minha participação na FAPESC. A princípio eu já estava aprendendo a fazer artesanato, mas foi graças a FAPESC que eu pude florescer como artesã, a cada edição da feira eu ganhava mais entusiasmo em confeccionar e levar mais peças, através dos comentários positivos que recebia das pessoas na feira, e assim aos poucos fui conquistando muitos clientes e amigos, que admiravam meu trabalho e fui ganhando reconhecimento dentro da minha cidade.

Deste modo as edições semanais da "Feira Agroecológica de Produtos da Economia Solidária de Cocal - FAPESC", com o objetivo de divulgar e comercializar os produtos agroecológicos e artesanais produzidos por cidadãos e cidadãs do município de Cocal - PI e promover, de tal sorte, a aproximação e a articulação de redes de confiabilidade entre consumidores e os produtores, bem como difundir o consumo consciente e sensibilizar a sociedade sobre esse outro modelo de economia.

Diante dessa experiência, esse trabalho de conclusão de curso, relatarei a visão que tenho sobre a FAPESC, ou melhor a feirinha; como carinhosamente a tratamos, enquanto feirante e graduanda do curso de tecnologia em agroecologia do campus de Cocal, do Instituto de Educação, Ensino e Pesquisa do Piauí –IFPI.

O presente trabalho está dividido em partes para melhor compreensão, sendo a primeira parte ressaltar a importância das feiras agroecológicas, tendo como objetivo o relato da FAPESC na minha visão. A segunda parte traz uma discussão sobre os aspectos históricos da criação das feiras e aspectos conceituais que envolvem as feiras agroecológica e de economia solidária. Posteriormente, segue o relato em que destaco a criação da FAPESC.

2 JUSTIFICATIVA

Segundo o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Economia Popular Solidária (EPS), socioeconômica solidária, economia social, humano economia, economia popular, economia de proximidade são denominações que buscam representação desse espaço de comercialização de produtos de natureza solidários, orgânicos ou agroecológicos. Essas são várias das formas pelas quais são conhecidas as práticas econômicas fundamentadas em relações de colaboração solidária e inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica.

Na sociedade consumista do século XXI, uma sociedade capitalista que visa o lucro em primeiro lugar, tem uma enorme procura de produtos alimentícios naturais ou agroecológicos, ao mesmo tempo em que cria obstáculos e dificuldades para o uso das frutas, legumes e verduras sem agrotóxicos. Dificuldades para produção quando as condições de acesso à terra, ao crédito, à tecnologia, dentre outras, são extremamente desiguais, o que impossibilita concorrer com a produção em larga escala da agricultura convencional, e que é refletida na comercialização nos grandes centros de distribuição. Restando para os produtos naturais ou agroecológicos mercados específicos e restritos das feiras, em que resistem e mantem o contato, o diálogo (conversa), a interação dos produtores /comerciantes (feirantes) com os consumidores.

Assim, pode-se afirmar que o escoamento dos produtos da agricultura familiar agroecológica, assim como dos agroextrativistas, é o principal gargalo para o seu pleno desenvolvimento, sendo que as feiras livres são os principais canais de comercialização, mas que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas.

A fapesc foi um grande ganho para a comunidade, pois já virou rotina na vida das pessoas, tanto para os clientes quanto para os feirantes, por ter um acesso direto entre o consumidor e produtos agroecológicos e locais, além de proporcionar um momento de lazer, para aqueles que apenas querem passear pela praça nas quartas-feiras, a FAPESC se tornou um dos projetos de extensão de maior visibilidade do IFPI Campus Cocal, e até então não temos tantos trabalhos sobre a mesma, então surgiu a necessidade de trazer a história da FAPESC relatada e escrita pelos olhos de uma feirante que acompanhou o crescimento desse empreendimento desde o início, e que além de feirante também é cliente.

As feiras são importantes espaços para comercialização, vendo que não é preciso de uma parte burocrática, ou seja, nota fiscal para comercializar e a vigilância sanitária é mais flexível. As mesmas também contribuem para o desenvolvimento local, uma vez que os feirantes, quando

acabam de vender seus produtos ou termina o período da feira, vão gastar os seus lucros ou o que conseguiram arrecadar no mercado local. Portanto a produção é realizada no próprio município ou nas adjacências e a renda gerada por ela, fica também no município no qual a feira é localizada.

3 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho tem como objetivo relatar minha experiência como artesã e feirante vivenciada na FAPESC sobre minha visão.

3.1 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Criar visibilidade a FAPESC
- Mostrar a importância de um espaço de comercialização solidário para a consolidação da atividade.
- Apresentar as conquistas e os desafios da FAPESC

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O ARTESANATO

No Brasil, a atividade artesanal é parte muito significativa dos empreendimentos de economia solidária, bem como a presença de mulheres nesses espaços. Dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (Sies), do período de 2009 a 2013, mostram que o artesanato correspondia à 22,7% do total de empreendimentos econômicos solidários mapeados, sendo a segunda atividade econômica com maior relevância identificada, perdendo somente para o segmento de agricultura familiar, que correspondia a 52,6%.

São poucos os trabalhos que se debruçam suas análises sobre a atividade artesanal. Cabe ressaltar que o artesanato está presente na vida dos seres humanos desde o princípio da humanidade, seja na produção de objetos de uso para sobrevivência ou para ornamentos (BARBOSA e D'ÁVILA, 2014).

Artesanato pode ser definido como “toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (Conselho Mundial de Artesanato in SEBRAE, 2004). Segundo as normativas brasileiras a profissão de artesão/ã é classificada pelo o Ministério do Trabalho a partir da Classificação Brasileira de Ocupações CBO sob o nº 7911, como: “Os profissionais desta família ocupacional criam e confeccionam produtos artesanais utilizando-se de vários tipos de matérias primas, tais como: fibras, madeira, pedras, sementes e cascas, tecidos, metais, couro, látex dentre outros. São utilizadas diversas técnicas de tratamento, preparações e transformações das matérias primas utilizadas na produção de artesanatos. Tais produtos, de forma geral, retratam a cultura local e identificam seu autor, os quais são responsáveis pela comercialização de seus produtos como também pelo gerenciamento de seus negócios” (Ministério do Trabalho – CBO).

Nesse sentido, nota-se que o artesanato representa o trabalho de pessoas que usam suas mãos e criatividade para produzir seu fazer, lançando mão de técnicas, ferramentas e diversos materiais, tradicionais ou modernos e é uma atividade em que a trabalhadora/a, em geral, domina todo o processo de produção e pode expressar características artísticas individuais, sendo o produto final é um artefato que está relacionado à sensibilidade de quem o produziu e à sua cultura, sob uma mediação estética a partir de técnicas diversas.

Inegável o artesanato tem sido uma alternativa para a geração de trabalho e renda para muitas pessoas no Brasil, não só no âmbito da economia solidária. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2015, estudados pelo Ministério do Turismo, apontam que 10 milhões de pessoas no país trabalhavam nessa atividade econômica, sendo 87% do sexo feminino.

De acordo com Lima Costa e Stroppa Moreira, a participação das mulheres em atividades vinculadas ao artesanato é carregada de ambiguidades sendo por um lado a possibilidade para geração de renda como uma resposta à pressão econômica, à perda de empregos assalariados, ao alto custo de vida e à ausência de políticas sociais, fatores esses que dificultam a manutenção e a reprodução social das famílias. Porém muitas mulheres encontram nessa atividade possibilidades para reprodução material de suas vidas e de suas famílias, reforçando mecanismos de desigualdade. Segundo os mesmos autores, a atividade artesanal muitas vezes é desempenhada no próprio domicílio, em conciliação com o trabalho doméstico, o que muitas vezes leva, não só a uma sobrecarga para as mulheres, como também a uma dupla invisibilidade, do seu trabalho remunerado e do não-remunerado. Além disso, o artesanato pode ser reconhecido como uma atividade “feminina”, ensinado e aprendido entre gerações, em círculos de mulheres ou em cursos profissionalizantes, sendo vinculado a habilidades manuais e domésticas, “características” das mulheres. Barbosa e D’Ávila (2014), aponta que no caso do artesanato a questão da divisão sexual do trabalho se apresenta na característica do ofício, sendo ele “feminino” uma vez que está atrelado a “delicadeza” do fazer minucioso, que muitas vezes é somente um complemento do orçamento familiar.

4.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DA CRIAÇÃO DAS FEIRAS LIVRES

As feiras surgiram da necessidade do ser humano de diversificar o seu consumo, trocando os seus excedentes. Historicamente, tem origem no escambo e evoluiu com as formas de troca. As feiras são os espaços de comercialização mais antigos que existem e que ainda resistem no tempo (BORGES; FERREIRA, 2011). As feiras livres tiveram seu início na Europa durante a Idade Média e teve papel fundamental no desenvolvimento das cidades e no chamado renascimento comercial observado durante o século XIII (GONÇALVES, 2007). Mesmo agora no início do século XXI, quando as relações comerciais em todo o Estado eram muito mais frequentes, o comércio ambulante ainda e as feiras desempenham grande função econômica.

Desse modo, a feira tem um objetivo econômico, pois, é um ponto de venda dos produtos obtidos pelos/as feirantes nas suas diversas atividades, sejam quintais produtivos, cozinhas, agroindústrias, ateliês ou na coleta dos frutos de espécies nativas. Para muitos é o único ponto de venda, que além de eliminar intermediários propiciando maior renda, promove a circulação da moeda no comércio local, possibilita a melhoria da qualidade de vida e inclusão social dos feirantes e seus familiares.

Mas a importância não está somente na comercialização desses produtos, como salienta Leboutte (2003) as feiras não se resumem a simples exposições, ou a uma ação puramente mercantil dos empreendimentos, pois lá também ocorrem atividades de trocas de produtos, bem como de experiências em oficinas e nos diálogos entre feirantes e clientes. O mesmo autor diz que nem sempre há ganhos financeiros para os feirantes, mas é valioso o retorno em relação aos instrumentos de divulgação dessas políticas e de reunião de iguais que trocam experiências durante a realização das feiras.

Ou seja, além da importância econômica na comercialização de seus produtos gerando renda, a feira se mostra um ponto de referência, onde consumidores podem conhecer mais da origem e ter acesso a produtos diferenciados dos oferecidos pelas quitandas e supermercados, além de conseguir alcançar um estilo de vida mais saudável, consumindo “comida de verdade”. Já aos produtores/feirantes, fornecem um ambiente de troca de experiências, divulgação de seus produtos e artesanatos, encontram soluções para problemas em comum, além da troca de técnicas de manejo, conservação e formas de outras formas de comercialização diferentes da feira.

A estratégia comercial das feiras mercantis é que elas sejam temáticas, ou seja, fixadas em um período certo de tempo com um tema que identifique o evento para que desperte novos interesses em potenciais produtores, clientes, simpatizantes (LEBOUTTE, 2003). É fundamental que toda a comunidade tenha a feira inserida em suas rotinas, garantindo a sua participação neste evento local.

Ainda segundo o mesmo autor, a participação dos produtores diretamente nesses espaços de comercialização proporciona uma saída viável na busca de novas oportunidades, da geração de renda digna, melhorando assim a qualidade de vida e gerando inclusão social, além de eliminar intermediários proporcionando renda e circulação de moeda, além de favorecer à agricultores/as familiares, aos artesão/ãs e aos/as pequenos/as empreendedores/as da gastronomia local, que são excluídos muitas vezes das oportunidades de inclusão social por não terem estudo e nem condições financeiras suficientes para uma dita sociedade de consumo.

Dessa forma, essas iniciativas econômicas representam uma opção viável para os segmentos sociais de baixa renda, os quais são fortemente atingidos pelo desemprego e pelo empobrecimento.

As feiras se mostram importantes, também, para o desenvolvimento do plano político, pois, das associações que estão por trás das feiras, surgem representantes políticos, que possa representar a classe junto as atividades do Estado. De acordo com Leboutte (2003), um projeto político para as feiras é tão importante quanto seu projeto econômico. Esses novos atores sociais, que interferem no plano econômico, podem atuar também no plano político, e quando realmente comprometidos com as causas das comunidades conseguem construir um sujeito coletivo.

4.3 O COMÉRCIO JUSTO DAS FEIRAS DE ECONOMIA SOLIDÁRIAS

Outra característica a ser destacada é que as feiras são feitas pelo povo e para o povo (LEBOUTTE, 2003) e *solidária*, porque representa a união de trabalhadores/as, que individualmente não teriam força de montar o seu negócio, mas unidos são fortes para a concretização do empreendimento solidário, e que não tem como visão os lucros abusivos. Segundo Cançado, Pereira e Silva Júnior (2007), a economia solidária pode ser considerada como um outro modelo de vida, em que os valores percebidos vão muito além da competição característica da sociedade capitalista.

Eventos de economia solidária se configuram como espaços de troca de saberes, comercialização, fortalecimento sócio econômico, articulação de redes de produtores e consumidores e de promoção da Economia Solidária para a sociedade, possibilitam vislumbrar aspectos importantes para a consolidação desta outra economia, que engloba membros dos empreendimentos familiares e econômicos solidários, bem como o público visitante que, passa a romper a lógica socioeconômica e cultural individualistas, possibilitando, dentro destes eventos, outras práticas construtoras de relações mais justas e solidárias.

Neste sentido, Sousa e Sanchez (2015) trazem a economia solidária como uma prática regida por valores diferenciados da economia capitalista, onde a autogestão, democracia, cooperação, solidariedade, respeito à natureza, promoção da dignidade e valorização do trabalho humano, sustentam a proposta de um projeto de desenvolvimento local, sustentável, global e coletivo. O termo solidário é resultante dos empreendimentos integrados em um sistema coletivo, de valores humanos, verdadeiramente democrático, do trabalho conjunto e da repartição

equitativa dos resultados, do servir à sociedade, sem exploração, sem acumulação, e não a solidariedade de esmola (LEBOUTTE, 2003).

Portanto, as feiras defendem um comércio justo e solidário, no qual é feita uma nova forma de comercialização, que seja uma prática comercial diferenciada pautada nos valores de justiça social e solidariedade realizada pelos empreendimentos econômicos solidários (BORGES; FERREIRA, 2011).

Deste modo, as feiras de economia solidária têm impulsionado uma demanda por produtos tradicionais e agroecológicos, levando agricultores familiares e artesões a aumentar e diversificar suas produções e formas de comercialização. Estes aspectos positivos propiciados pelas feiras possibilitam maior autonomia e participação das famílias e grupos de produtores como um todo nas decisões sobre o que, quando e quanto vai produzir. Além disso, a feira proporciona o estabelecimento de novas formas de relações entre as famílias envolvidas e, através da venda direta, entre produtores e consumidores. Esse contato com o consumidor permite a construção de relações de amizade que possibilitam relações de confiança quanto à qualidade, à procedência, ao reconhecimento e a valorização da organização de produtores (LOUREIRO, *et al.*, 2012).

O escoamento dos produtos da agricultura familiar agroecológica, assim como dos agroextrativistas, é o principal gargalo para o seu pleno desenvolvimento, sendo que as feiras livres são os principais canais de comercialização, mas que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas.

4.4 FEIRAS AGROECOLÓGICAS E SOLIDÁRIAS

No Brasil a comercialização via circuito curto que mais se destaca é a feira livre, a qual se caracteriza pela forma de organização em que agricultores se agrupam para comercializar seus produtos direto para os consumidores, além de possuir um significado ainda maior para aqueles agricultores que trabalham de forma agroecológica, pois além de aproximar as pessoas com interesses de troca econômicas idênticas, em que o valor é formado a partir da discussão direta entre produtores/feirantes e consumidores, constituiu também num palco de reprodução social (GODOY; ANJOS, 2007).

Para Darolt (2012) o mercado agroecológico via feiras representa um comércio de mão dupla com importantes resultados positivos tanto para consumidores como para agricultores familiares, uma vez que os primeiros buscam alimentos mais saudáveis, cultivados sem agredir o meio ambiente, que tenham origem reconhecida e desejam conhecer os agricultores

que os produzem. Do outro lado está o agricultor que muitas vezes se sente insatisfeito devido o mercado convencional que dá privilégios para os grandes varejistas.

Corroborando com este entendimento, Schmidt (2001) afirma que a comercialização via circuitos curtos de comercialização visa atingir objetivos econômicos, sociais e humanistas. Sendo que o primeiro busca, por exemplo, trabalhar com empresas para a escala humana, preços justos, negociações em todos os níveis da cadeia e vendas de proximidade; enquanto os objetivos sociais e humanistas seriam a cooperação e a não competição, a proximidade entre produtores consumidor, a equidade entre esses atores bem como a possibilidade de manutenção dos agricultores na terra e a defesa do emprego rural.

Desse modo, as feiras agroecológicas solidárias deixam de ser apenas espaços de comercialização e passam a ser os lugares onde o conhecimento tradicional é reconhecido e valorizado. E os agricultores familiares que se viam esquecidos pela forma de comercialização convencional, via atravessadores, passam a ser o sujeito principal da ação. Essas iniciativas devem ser ressaltadas, nesse sentido, o relato de experiência da Feirinha Agroecológica de Cocal vem contribuir com o fortalecimento desse circuito curto de comercialização.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS OU MATERIAL E MÉTODOS

5.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA

5.1.1 A CRIAÇÃO DA FEIRA AGROECOLOGIA DE PRODUTOS DA ECONOMIA SOLIDARIA DE COCAL

Em 2019 foi iniciada a Feira Agroecologia de Produtos da Economia Solidaria de Cocal (FAPESC), esta foi pensada e criada por alunos da primeira turma de agroecologia, através de um desafio lançado pelo professor Flavio Crespo, no âmbito da disciplina de economia solidária do curso de Tecnologia em Agroecologia do IFPI-Campus Cocal. Durante a disciplina os discentes fizeram o projeto e montaram o empreendimento, para tanto, foi necessário a mobilização da comunidade e a parceria da Prefeitura Municipal de Cocal, por meio da Secretaria de Cultura, que cedeu 30 mesas e concedeu a permissão para o uso do espaço público da praça da Estação, bem como a ornamentação temática para a realização da primeira feira.

Segundo Lusirene Coutinho, egressa da primeira turma de Agroecologia, formada pelo IFPI, campus de Cocal, e uma das criadoras/idealizadoras do empreendimento, no princípio a principal questão era descobrir o que uma feira teria que ter para ser considerada uma feira de economia solidaria, então a partir dos conteúdos discutidos na disciplina, começaram a criar o projeto da feira com base nos princípios da economia solidária, autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comercio justo e consumo consciente, e com isso promover desenvolvimento endógeno para o município de Cocal, com isso alguns questionamentos surgiram: O que seria vendido? Quem iria vender? Onde aconteceria? Como iria expor os produtos? Teria o que mais além da venda desses produtos?

A partir destes questionamentos, a turma se dividiu em pequenos grupos para buscar resolver esses problemas. Um grupo saiu em busca de pessoas para expor e vender os produtos oriundos de seus quintais ou roças, mas tendo como critério para participar da feira, o não uso de veneno na produção, se artesanatos teria que ser feitos pelo próprio expositor ou se comidas típicas teria que ser vendido pela pessoa que cozinha. O objetivo era dar possibilidade de os produtores venderem sua própria produção, assim tirar da mão do atravessador a maior parte do lucro como acontece nas feiras convencionais.

No dia três de julho de 2019 (Ilustração 1), uma quarta-feira, a partir das 18 horas, ocorreu a primeira edição da FAPESC e contou com a presença de 16 feirantes que foram convidados a

expor seus produtos\trabalhos, dentre eles/as produtores/as da agricultura familiar, artesãos/ãs e pessoas da área da gastronomia local. Para chamar mais atenção da população nessa primeira feirinha foram inseridas atrações culturais à feira, que devido ao período de festas juninas, foram convidados os educandos da Escola Municipal Chico Monção para apresentarem a quadrilha, e foram convidados também jovens que cantavam rap para realizar uma batalha de rima durante a feirinha.

Ilustração 1 - Primeira edição da FAPESC - Feira Agroecologia de Produtos da Economia Solidaria de Cocal, no dia 03 de julho de 2019.



Fonte: Arquivo FAPESC / Tatiane Albuquerque (2019).

A egressa destacou que por não conhecerem agricultores cocalenses que produzissem seguindo os princípios da agroecologia, convidaram dois produtores de Viçosa do Ceará e de Tianguá/CE, Joelma e Jorgiel, que fazem parte da Bodega do Povo¹ para trazerem hortaliças, legumes e frutas, pois eles já conheciam suas produções que eram agroecológicas.

A proposta inicial era que a feirinha acontecesse quinzenalmente, todavia os feirantes viram a necessidade de ser semanal, dessa forma, os organizadores tiveram que conseguir realizar a feira, mesmo com todas as dificuldades de não ter mesas próprias.

5.1.2 DIFICULDADES E CONQUISTAS DO EMPREENDIMENTO SOLIDÁRIO

No início, a FAPESC não possuía suas próprias mesas e contávamos com a ajuda do secretário de Cultura daquela época, Bernardo Filho, que nos disponibilizava as mesas que a prefeitura possuía, porém não era toda quarta-feira que ele se encontrava na cidade para abrir a sala onde as mesas ficavam guardadas, com a chegada de novos feirantes não tinha mesas para todos.

¹ Empreendimento solidário dos agricultores de Viçosa do Ceara e de Tianguá/CE

Então, os feirantes eram aconselhados a levar sua própria mesa de casa para expor os produtos. Entretanto, alguns feirantes não tinham como trazer sua própria mesa, como era o meu caso. Eu moro na zona rural de Cocal e me desloco para a feira de moto, assim não conseguia levar minha própria mesa, e mesmo quando usávamos as disponibilizadas pela secretaria de cultura, a quantidade de mesas passou a não atender a demanda da feira, pois eram poucas. Assim, eu pedia emprestado uma mesa nos quiosques que ficavam na praça, e assim ia seguindo a feirinha.

Mesmo com essas dificuldades, nos meses seguintes a feira já estava gerando uma grande repercussão na cidade, e aos poucos as pessoas vieram saber como fazia para participar e expor seus produtos. Entretanto, a participação na feirinha depende do atendimento dos critérios já mencionados na sessão anterior. Em poucos meses a feirinha contou com a presença de 106 feirantes.

Com o rápido aumento do número de feirantes, a feira precisou mudar de local. A princípio a feirinha funcionava em um espaço ao lado da antiga estação de trem, passou para atender a ocupar um espaço mais amplo da praça da Estação, em frente ao museu, para suprir a necessidade de espaço proporcional ao aumento do número de feirantes e de clientes.

Outra dificuldade enfrentada pelos feirantes foi a estação chuvosa, podendo iniciar em dezembro e se estender até maio ou junho, o que gerou preocupação entre os feirantes e a diminuição dos expositores e cliente. Para resolver essa primeira experiência com o período chuvoso, a feira foi mudada de local, saindo da praça da Estação, ou seja, espaço aberto, para o ginásio poliesportivo (Ilustração 2), espaço fechado. Porém, como o ginásio era um ambiente fechado a circulação de pessoas diminuiu bastante quando comparada com as feiras que eram realizadas na praça, só continuaram frequentando aqueles clientes que já tinham criado o hábito de consumir semanalmente os produtos agroecológicos comercializados na FAPESP.

A diminuição do número de clientes na feira, foi resolvido somente com a finalização do período de chuvas, quando as atividades da feira voltaram a acontecer na praça. Essa experiência nos faz pensar que a localização da nossa feira não poderia ser melhor, pois a praça da estação por si só já reúne um número considerável de pessoas todas as noites e a FAPESC agregou cada vez mais movimentação, o que trouxe benefícios a todos os envolvidos.

Ilustração 2 - Realização da FAPESC no Ginásio Poliesportivo de Cocal, devido ao período chuvoso, dezembro de 2019 a março de 2020



Fonte: Arquivos da FAPESC (2020).

A maior dificuldade enfrentada pela FAPESC foi a pandemia do Corona Virus Disease (COVID-19), em março de 2020. A feirinha teve suas atividades presenciais suspensas, ocorrendo no dia 11 de março a nossa última feira presencial em 2020, o que gerou um grande impacto nos feirantes e clientes com a interrupção abrupta das atividades econômicas. Com o prolongamento da pandemia e buscando amenizar os seus efeitos, surgiu a ideia de criar um ambiente virtual para a feira, assim evitaria perder o vínculo já criado entre feirantes e clientes e manter ativas as atividades da feira. Desse modo, os organizadores resolveram criar um grupo no WhatsApp e adicionar todos os participantes da feirinha, tanto feirantes quanto os clientes, deste modo eles poderiam continuar mantendo a feira viva, só que em um ambiente virtual. Neste grupo, os feirantes postavam fotos divulgando os seus produtos/trabalhos e quem se interessasse por comprar/trocar entrava em contato direto com o feirante, além de encomendar outros produtos que queriam e os mesmos faziam as entregas, dessa forma a feirinha foi acontecendo de forma online dando continuidade ao vínculo construído entre nós feirantes e clientes nas feiras presenciais.

Foi nesse período de pandemia que minhas vendas começaram a ser online, tivemos que nos adaptar para continuar mantendo a FAPESC viva, e continuar levando nossos produtos aos clientes. Eu já havia criado um perfil virtual em 2019, destinado a postar meus trabalhos, no Instagram, onde eu postava algumas fotos dos meus trabalhos, só que eu não conseguia trabalhar bem essa parte de divulgação e vendas online, quando chegou essa pandemia que parou o mundo, todos nós tivemos que nos adaptar, e a criação da feirinha online me ajudou a ter uma maior noção de como funcionava as vendas online, tanto que foi a partir do grupo da

feira no WhatsApp que comecei a fazer minhas primeiras vendas online, o que me motivou a dedicar mais tempo aos meios de vendas online, e com a ajuda da minha irmã, que fotografava e gravava vídeos dos meus produtos para divulgar, fomos resistindo naquele momento tão difícil que foi a pandemia.

Assim, durante todo o período de pandemia e isolamento social a feira aconteceu de forma online, até que no ano de 2021 quando a pandemia tinha dado uma pequena trégua, a vacina já estava começando a chegar no município de Cocal, achamos que já era seguro e decidimos que era hora de retomar nossas atividades presenciais na praça, tomando todo os cuidados necessários, usando máscaras, álcool em gel, evitando contatos mais íntimos, como abraços, o que tornou a feirinha menos alegre e fraterna. Retornamos à feira com muita felicidade no dia 03 de novembro, nesse retorno contaram com a apresentação do cantor local Fernando Lima, voz e violão para comemorar nosso retorno e também para chamar atenção da população, e convidamos também para participar da feirinha uma artesã de Parnaíba que confecciona lindos bordados, para abrilhantar mais ainda nosso retorno presencial.

Embora tenhamos retomado as atividades presenciais da feira (Ilustração 3), continuamos mantendo ativo o nosso ambiente virtual no grupo do WhatsApp, onde semanalmente são divulgadas fotos dos nossos produtos, principalmente nos dias que acontece a feirinha, o que acaba chamando mais atenção dos nossos clientes para ir participar da feira, além de postagens de cardes de divulgação da feirinha e links de vídeos informativos sobre economia solidaria.

Ilustração 3 - Retorno das atividades presenciais da FAPESC pós-pandemia, 2021



Fonte: Arquivos da FAPESC (2021).

Desde o retorno presencial, o número de feirantes não atingiu os números de antes da pandemia, os feirantes que continuam participando são os fixos da feira, aqueles que conseguiram entender a importância da FAPESC para a economia local, e que entendem os

critérios adotados, incentivando a produção agroecológica, sem o uso de venenos ou adubos químicos, além do próprio feirante ajudar na divulgação da Feirinha para que mais pessoas possam conhecer nosso empreendimento, e assim conquistar mais clientes; além de o feirantes contribuir com um valor mínimo de R\$ 2,50 todas as feiras, o dinheiro é usado para custear as despesas da própria feirinha, e nas reuniões são prestado conta da arrecadação e dos gastos realizados. Vale lembrar sempre que o lema principal da feirinha é que o produto venha das mãos de quem produz para as mãos de quem consome, sem atravessadores.

Mesmo durante a pandemia a feirinha apresentou conquistas. Graças aos esforços que tivemos junto com a organização da feira, conseguimos comprar parte de nossos materiais, a partir de dinheiro arrecadado em bingos e com as contribuições de cada feirante a cada feirinha realizada, além do projeto de extensão Verdes Laços de Solidariedade aprovado em 2021 que viabilizou mesas, bancos, toalhas e material de consumo.

Este projeto de extensão teve como objetivo geral fortalecer a FAPESC visando o desenvolvimento endógeno sustentável do município de Cocal/PI. Neste eu tive o privilégio de participar como bolsista, e a partir dele conseguimos recurso para comprar os materiais que faltavam na feira e que precisávamos, ao todo conseguimos comprar 60 mesas, banquetas, tolhas de mesa, balanças e materiais para um novo projeto dentre da própria feira, viabilizou o espaço da turminha solidária, o que foi um grande ganho para a feira e para nós feirantes, pois conseguimos mais autonomia.

Com a aquisição dos materiais, surgiu então a demanda por um local para armazená-los e que fosse nas proximidades da feirinha para facilitar o acesso. Para resolver esse gargalo contamos com a parceria da secretária de agricultura do município Tatiane Albuquerque, também estudante do curso de tecnólogo em agroecologia, que dialogou com a Prefeitura Municipal de Cocal para ceder um espaço na própria Praça da Estação, que estava ocioso para que os feirantes utilizassem como espaço de apoio para guardar os materiais da feira (mesas, cadeiras, banquetas e etc).

5.1.3 O FLORESCIMENTO DE UMA ARTESÃ

Quando a feira iniciou eu tinha acabado de ingressar no curso de Agroecologia, e não tinha muito conhecimento sobre economia solidária, me convidaram para ir conhecer a feira e eu fui, a princípio já amei, todo mundo estava muito animado, tinha exposição de artesanato, plantas ornamentais, muitas comidas típicas, foi uma noite incrível, nesse período eu estava

aprendendo a fazer artesanato (pulseiras, filtros dos sonhos). Na primeira noite que fui conhecer a FAPESC já me incentivaram a expor meus artesanatos e participar da feira também. Na quarta-feira seguinte, já fui levando meus artesanatos, eu e minha prima Geicia Magalhães, que nesse tempo era minha colega de curso, levamos nossas peças e expomos na feira (Ilustração 4), e como tinha começado a fazer artesanato a pouco tempo e nosso trabalho era um pouco diferente chamou atenção das pessoas, e isso acabou nos incentivando a fazer cada vez mais peças e buscar melhorar a qualidade das nossas peças, confeccionando novos modelos, e nos aperfeiçoando cada vez mais nessa área do artesanato, e aos poucos fomos conquistando nossos clientes e criando vínculo com os participantes da feira.

Costumo dizer que a Natalita artesã surgiu junto com a feirinha, por que foi por causa dela que eu fui crescendo no artesanato. Depois do primeiro dia que fui nunca mais deixei de participar, ela virou parte da minha história e da minha rotina, graças a ela eu conheci pessoas incríveis, clientes/amigos admiradores do meu trabalho.

Ilustração 4 - Minha participação na feirinha, 2019 a 2023



Fonte: Arquivos da FAPESC (2019).

A FAPESC foi a primeira feira que eu participei, eu confesso que nunca passou pela minha cabeça ser feirante um dia, mas depois de conhecer a feirinha eu comecei a amadurecer essa ideia, tanto que conheci a feirinha em uma semana e na outra já fui participar como feirante. Expor produtos que a gente mesmo faz é satisfatório demais, está lá para ver o que as pessoas acham do nosso trabalho, é incrível, principalmente quando o nosso trabalho tem a valorização que a gente sabe que ele merece. A partir da minha participação na FAPESC, eu resolvi ir vender em outra feira da Cidade, na feira municipal de Cocal, pois o público que as duas feiras reúne são diferentes, e quanto mais eu divulgasse meu trabalho mais reconhecimento eu teria, essas experiências serviram de grande aprendizado para mim, além de me fazer perder um pouco a timidez, por estar trabalhando em contato direto com pessoas, ainda hoje frequento

ambas as feiras, mas confesso que é na feirinha Agroecológica que eu me sinto muito mais acolhida e valorizada.

5.1.4 PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

A FAPESC se consolidou como um espaço de geração de renda, substancialmente familiar, que já provocava um ainda não mensurado, porém considerável, aquecimento da economia local principalmente às quartas-feiras durante a realização da feira, tendo-se em vista o depoimento dos feirantes que participam semanalmente da feirinha, pois os quiosques/lanchonetes, outros comércios circunvizinhos da praça e os ambulantes amentavam seu faturamento vendendo para os/as consumidores/as da feira e aos que apenas iam em busca de lazer. A feirinha virou atração e rotina para as pessoas todas as quartas-feiras, por ser considerado um ambiente de lazer, onde as pessoas vão para passear com a família, ver e conversar amigos e aproveitam para merendarem e levam para casa os diversos produtos locais, o que fortalece o objetivo da nossa feirinha, que é o de movimentar a economia local e promover desenvolvimento endógeno para a região.

Assim como tudo na vida, tudo tem seus pontos positivos mas também negativos, no caso da nossa feirinha também não ia ser diferente, um dos pontos que considero negativo dentro na feirinha é a falta de compromisso dos próprios feirantes e clientes em buscar conhecer o que é economia solidária, grande parte das pessoas que participam da feira não compreendem o real objetivo da feirinha, que é promover o desenvolvimento coletivo por meio da cooperação, a falta desse conhecimento faz nossa feira não seja totalmente um empreendimento solidário, até por que a feira não tem total autonomia, pois ainda não conseguimos administra-la sozinhos, contamos com a equipe organizadora da feira para quase tudo, claro que somos muito gratos a essa equipe, mas um empreendimento de economia solidaria é pra ter autogestão.

Outro ponto negativo, que acaba por atrapalhar um pouco as vendas da feirinha são os vendedores que não participam da feira, mas que nas quartas-feiras durante a feirinha ficam nos arredores da feira aproveitando a movimentação que a feirinha gera para levar produtos industrializados ou outros produtos que não podem ser comercializados dentro da feirinha, bem como atravessadores e ficam nos arredores da feira comercializando, e como a praça é um espaço público não podemos controlar as vendas desses parasitas, que apenas usam nossa feira para conseguir vender e lucrar, e isso acaba prejudicando as vendas da feirinha pois muitas vezes os valores ofertados por esses vendedores acabam sendo mais baixos do que na

feirinha, o que acaba sendo injusto com nós feirantes, gerando um impacto negativo nas vendas da FAPESC.

Além das atividades de comercialização a feirinha tem realizado apresentações culturais de artistas locais, amostras de tecnologias sociais agroecológicas desenvolvidas por discentes e docentes do curso de tecnologia em agroecologia do campus IFPI/Cocal, palestras para sensibilização sobre problemas causados pelo uso de agrotóxicos, lançamento do livro “Os Tempos e a Forma” do professor do IFPI Adriano Lobão Aragão, oficina de preparação de alimentação saudável com produtos disponíveis na feira ministrada pela chef de cozinha Lorena Gonzaga, que é consumidora e incentivadora da feira. Além disso a feirinha foi objeto de pesquisa utilizado por docentes e discentes do Curso de Matemática (Etnomatemática: conhecimentos matemáticos utilizados pelos/as feirantes) e do Curso Técnico em Administração (Levantamento socioeconômico dos/as feirantes e geração de renda do comércio na feira). Cabe ressaltar que inúmeros projetos de ensino, pesquisa e extensão ainda poderão ser realizados com feirantes e consumidores da FAPESC.

A FAPESC já teve os convites para participar de outras feiras (Ilustração 5), como a que aconteceu na região vizinha Cocal dos Alves a realizou a II feira da agricultura familiar da região e nos convidou para prestigiar o evento e também para participar levando nossos produtos, nós conseguimos transporte com a prefeitura de Cocal, que ajudou no nosso deslocamento até a cidade e lá agregamos junto aos feirantes da região, a feira contou com uma grande diversidade de produtos da agricultura familiar e artesanatos, além de músicas ao vivo que animou ainda mais o evento. Além disto a

FAPESC também já serviu de inspiração para a criação de outras feiras como por exemplo a 1ª Feira Agroecológica do município de Bom Princípio do Piauí que contou com a presença dos feirantes da FAPESC, que foram prestigiar essa na sexta-feira (09/09). A atividade foi realizada na Praça de Eventos dos Ferroviários com exposição e venda de produtos e apresentação cultural.

Ilustração 5 - Participação da FAPESC nas feiras de Cocal dos Alves e Bom Princípio



Fonte: Arquivos da FAPESC (2021).

5.1.5 NOVOS PROJETOS NA FEIRINHA

A turminha solidaria (Ilustração 6) foi um espaço criado pensando na inclusão das crianças na FAPESC no ano de 2022, pois foi visto que muitas crianças frequentavam a feira junto com seus pais que geralmente iam para fazer suas compras ou mesmo para passear, e durante esse tempo as crianças ficavam ociosas ou até mesmo pediam os pais para ir para casa. O ambiente da turminha solidaria permite que as crianças brinquem, pintem, joguem, e interajam com outras crianças, enquanto os pais podem ficar tranquilos no ambiente da feirinha.

Ilustração 6 - Projeto Turminha solidária na FAPESC - 2022



Fonte: Arquivos da FAPESC (2022).

O varal solidário (Ilustração 7) também implantado em 2022, é um projeto que surgiu para agregar ainda mais à feirinha, com objetivo de fazer com que as pessoas pratiquem mais o ato de solidariedade ao próximo, ele funciona da seguinte forma, quem tem peças de roupas/calçados em casa sobrando ou que não sirva mais, leva pra feira e doa ao varal solidário, e quem precisa da peça pega, ou seja, quem tem sobrando doa e quem precisa pega,

além de ser uma forma de reciclar uma peça de roupa que possivelmente teria um descarte e ajudar alguém que talvez não tivesse condições financeiras para adquirir a peça.

Ilustração 7 - Projeto Varal solidário



Fonte: Arquivos da FAPESC (2022).

A FAPESC tem realizado alguns bingos durante a realização da feirinha, o que é algo típico aqui na região, e gera bastante visitantes na feira e conseqüentemente mais vendas para os feirantes, geralmente o valor da cartela do bingo é um valor simbólico ou combinado com os feirantes, que a partir de 10 reais em compras, o cliente tem direito a receber grátis uma cartela para concorrer ao bingo; o que acaba incentivando as pessoas a consumirem mais produtos dentro da feira, a premiação do bingo é montada com os próprios produtos da feira, onde cada feirante doa ou vende seus produtos para montar uma cesta recheada de produtos da FAPESC, onde o valor arrecadado das cartelas é destinada a compra da premiação, e manutenção da feira, e o que excede é guardado para custear novos bingos, o que ajuda a aumentar as vendas da feira.

A FAPESC tem organizado ações solidárias durante a realização das feiras (Ilustração 8), com o intuito de incentivar cada vez mais o amor ao próximo gerar atitudes solidárias, como a campanha Natal sem fome, que ocorreu durante o mês de dezembro, no qual em todas as feirinhas do mês de dezembro que antecederiam o natal, eram aceitas doações de alimentos não perecíveis para que ao fim fossem montadas algumas cestas para doar para as famílias mais carentes da região, para conseguir um maior número de alimentos, além das arrecadações semanais foi realizado um bingo, no qual a cartela era trocada por 1 kg de alimento ou um valor simbólico, que ao fim seria utilizado para compra de mais alimentos, para montar cestas com uma variedade de alimentos, a premiação do bingo foi montada com os produtos da

feirinha, doados pelos próprios feirantes. Ao fim foram montadas 28 cestas e com a ajuda dos feirantes distribuídas para famílias carentes da região.

Ilustração 8 - Arrecadação de alimentos e realização do bingo.



Fonte: Arquivos da FAPESC (2022).

A feirinha serve como um espaço de exposição e divulgação do trabalho dos artesãos/ãs, muitos dos artistas regionais eram anônimos aos olhos da comunidade, possivelmente por não ter um ambiente de exposição de seus trabalhos em interação direta ao público, e depois que começaram a expor seus produtos na feirinha passaram a ter uma maior visibilidade e valorização, tem feirantes em que a partir da repercussão dos seus trabalhos dentro da feirinha começaram receber uma demanda muito grande de encomendas, o que dificultou até a participação deles a feira, como foi o caso do casal Adonias e Juliana, que trabalham com pirografia (arte de decorar/desenhar em madeira com uma ponta de metal aquecida), e do artesão José Welton que trabalha com madeira, depois que começaram a frequentar a feirinha muitas pessoas passaram a conhecer o trabalho deles e encomendar muitas peças personalizadas, o que acaba sendo mais um dos diferenciais da feirinha, ter esse contado direto com quem confecciona/produz os produtos da FAPESC.

6 RESULTADOS ESPERADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todos os desafios enfrentados pela feirinha nesses 4 anos de existência, podemos dizer que nossa feirinha se consolidou e se manteve firme, isso graças a um esforço conjunto de todos os envolvidos na feira, organizadores, feirantes e clientes, eu já considero a FAPESC como um evento cultural de Cocal, pois nossa feira vai muito além de um ambiente de vendas e trocas, e sim um espaço de cooperação e interações positivas, que veem conquistando cada vez admiradores e frequentadores, mas claro que ainda temos muito a melhorar para que nossa feirinha seja considerada totalmente um empreendimento de economia solidaria, mas acredito que ela vem cumprindo com o objetivo de fortalecer os produtores locais e gerar desenvolvimento endógeno para a região.

A feirinha vem mudando positivamente a vida de cada um dos feirantes, vem trazendo empoderamento e crescimento dentro da comunidade, ou seja um maior reconhecimento, além de produzir renda e gerar uma maior valorização do nosso trabalho, pois não há nada melhor do que sermos elogiados e valorizados por aquilo que fazemos com tanto amor e carinho, por trás de cada peça ou produto que levamos para a feira tem toda uma história, os nossos clientes não consomem apenas um produto, eles levam pra casa nosso tempo, nossa criatividade, nosso cuidado e dedicação em forma de produto.

Cada venda ou troca feita nos dá alegria e motivação para não desistirmos dos nossos sonhos e continuarmos a fazer o que amamos, eu acho que isso acaba sendo um grande diferencial do nosso empreendimento, e quando entendermos a importância dessa feira, que nos abraçou e nos incentivou a valorizar as coisas que temos de melhor na nossa cidade, iremos cuidar muito mais bem dela e fazer com que ela cresça cada vez mais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. L. e D'AVILA, M. I. (2014). Mulheres e artesanato: Um “Ofício Feminino” no povoado de Bichinhos/Prados – MG. **Revista Ártemis**, 17(1),

BORGES, A.F.; FERREIRA, F.F. **Parceria entre Consumidores e Produtores na Organização de Feiras**. São Paulo: Instituto Kairós, 2011.

BRASIL (2015). **Lei nº 13.180/2015**, Dispõe sobre a profissão de artesão e dá outras providências. Presidência da República. Recuperado de <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2015-2018/2015/lei/l13180>

CANÇADO, A. C; PEREIRA, J. R., SILVA JÚNIOR, J.T. **Economia Solidária, cooperativismo popular e autogestão: As Experiências de Palmas-TO**. Palmas: NSEol. 2007.

DAROLT, M. R. **Conexão ecológica: novas relações entre agricultores e consumidores**. Londrina: IAPAR, 2012.

GONÇALVES, D. Os bastidores de uma feira livre: Consumidores e feirantes falam sobre o velho hábito de ir à feira. **CENAS URBANAS**. Eclética, JUN/JUL, 2007.

GODOY, W. I; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaçodetrocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, 2007.

LEBOUTTE, P. **Economia popular solidária pública: a experiência pioneira do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: ITCP / COPPE, 2003.

LIMA COSTA, B. A.; STROPPIA MOREIRA, M. A. (2019). Sentidos e contradições do trabalho de mulheres artesãs na economia solidária: estudo de caso de uma feira em Viçosa, Minas Gerais, Brasil. **Outra Economia**, 12(22)

LOUREIRO, M. O. *et. al.* **Feiras livres e mercados institucionais: a Rede Ecovida e a construção de circuitos de comercialização para produtos agroecológicos.** Vitória/ES: 50º Congresso da Sober, 2012. Anais.

SCHMIDT, W. **Agricultura orgânica: entre a ética e o mercado?** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.2, n.1, 2001.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (2013). Pesquisa O artesão Brasileiro. Brasília, Brasil: SEBRAE. Recuperado de /Site: www.sebrae.com.br

SOUZA, A. R.; SANCHEZ, F. J. B. Um decenal balanço empírico e político da economia solidária. *In: Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, 2015.